

Cinema de Arte

Acervo Digital

Walter
da Silveira

promoção

organização

direção

do

Clube de Cinema da Bahia

13 - março - 1965

“A DAMA OCULTA”

(“*The lady vanishes*”)

FICHA TÉCNICA:

Realização	— Alfred Hitchcock
Argumento	— Frank Launder e Sidney Gilliat, segundo um romance de Ethel White
Fotografia	— Jack Cox
Cenografia	— Alec Vetchinsky, Maurice Carter e Albert Jullion
Música	— Louis Levy
Interpretação	— Margafet Lockwood (a jovem), Michael Redgrave (o jovem), Dame May Whitty (Mrs. Froy), Paul Lukas, Cecil Parker, Googie Whithers.
Produção	— Gainsborough Pictures, 1938.

Penúltimo filme da fase inglesa de Alfred Hitchcock — o último seria, em 1939, «**Estalagem Maldita**» («Jamaica Inn»), — «**A Dama Oculta**» ocupa, na filmografia dêsse londrino nascido em 13 de agosto 1899, o 23º lugar de uma carreira iniciada em 1925: nove fitas no período silencioso e quatorze no falado. Em Hollywood, a partir de 1940, Hitchcock faria mais vinte e seis. Ao todo, cinquenta filmes. O que o faz um dos cineastas mais fecundos e notórios.

Para os que o admiram, essa obra abundante não conta praticamente com filmes fracassados. Todos, para os «hitchcockianos», seriam notáveis, em qualquer medida, pela precisão quase mecânica da montagem, o desenvolvimento rigoroso do roteiro, e a regulagem minuciosa dos efeitos. Alguns de seus admiradores admitem, entretanto, que êle seja menos um criador do que um *metteur-en-Scène*, mas logo acrescentam que nessa categoria atinge uma perfeição provavelmente sem equivalência.

Católico, educado por jesuítas, é no horror e no suspense que Hitchcock, desde o seu terceiro filme: «**The lodger**», em 1926, inspirado pelo drama policial de **Jack, o Estripador**, encontra a sua temática e o seu estilo.

Dentro dêsse esquema, «**A Dama Oculta**», apesar de seus vinte e sete anos de realizado, não envelheceu, pelo que nos faz crer Maurice Schérer, numa crítica de 1952 («Cahiers du cinéma», n. 12): o estilo de Hitchcock seria dos que menos perdem a atualidade, fato de espantar vindo de um especialista dos golpes dramáticos. Talvez se ache, porém, a explicação da permanência de «*The lady vanishes*» no que dizem Eric Rohmer e Claude Chabrol em sua apaixonada biografia do mestre («Hitchcock», pgs. 58/59): já decidido a aceitar uma proposta de Hollywood, êle queria terminar em beleza o seu tempo britânico, fazer uma sùmula de seus anos de pesquisa, traçar um ponto final. Daí, o tom de antologia que tenha.

O sentimento básico de «**A Dama Oculta**» se comunicaria a muitas obras posteriores, apareceria mesmo no título de uma delas: **suspeita**. A aliança do cômico e do trágico, procurada antes e prolongada em seguida, aqui acha sem esforço sua significação moral. Viria, aliás, de instantes cinematográficos como êste a insólita atribuição a Hitchcock de uma dimensão metafísica: haveria nêle uma profundidade de pensamento que a forma sempre serviu para esconder, em vez de para mostrar.

Romance de espionagem, com os antigos Balcãs por atmosfera, as inverossimilhanças de «**The lady vanishes**» provam ainda uma vez que o seu realizador é, sem dúvida, «um dos maiores **inventores de formas** de toda a história do cinema». Aliás, nêle, para repetir Rohmer e Chabrol, a forma não deriva do conteúdo, ela é que o cria.

Acervo Digital

Walter da Silveira

PRÓXIMOS PROGRAMAS:

Dia 20 — «**O Gozador**», de Phillipe de Broca

Dia 27 — «**Fortaleza Escondida**», de Akira Kurosawa